

COLUNA

Nossos Passos Vêm de Longe

Tayronne de Almeida Rodrigues

João Leandro Neto

Baobá, de África para o Terreiro das Pretas no Cariri Cearense: os frutos do ancestral que voltou



Baobá no Terreiro das Pretas em Crato-CE. Foto: Verônica Carvalho, 2020.

Uma das imagens que mais representam o continente Africano são os portentosos Baobás. Como verdadeiros símbolos continentais, a sociedade africana desprende carinho tamanho para com esta árvore. Com esse sentimento, conversamos com as Pretas Valéria e Verônica, em Crato e assim foi possível uma relação mais próxima com Baobá. Elas nos relataram suas experiências de vida com esse grandioso ancestral.

Afirmou Valéria:

Em nossa família todos crescemos sabendo da potência de Baobá em África e para o povo negro. Lá em nosso Quilombo – o Terreiro das Pretas, não tínhamos Baobá, nós tínhamos timbaúbas gigantes e centenárias, pés de Juazeiro. Nosso sonho sempre foi ter o Baobá, até quando ganhamos um e aí foi possível o seu plantio em nosso Quilombo. Paralelo a isso nosso irmão Luciano estava passeando em São Paulo em um parque da cidade, quando repentinamente caiu nos pés dele dois frutos, e eram frutos de Baobá. No dia três de janeiro, há seis anos atrás ele deu de presente um a mim e outro a minha irmã Verônica. Quando os dois frutos chegaram aqui, no Sítio Boa Vista em Crato, apresentamos às crianças, aos mais velhos e aos amigos, fizemos uma festa, abrimos os frutos e tiramos 400 sementes de Baobá, então todos degustaram a farinha de Baobá e foi um verdadeiro ritual, um momento místico com o nosso ancestral.



Baobá plantado em Comunidades Quilombolas do Cariri Cearense. Foto: Verônica Carvalho, 2020.

Surgiu a ideia aqui no Terreiro das Pretas de germinarmos essas sementes. No entanto foi muito difícil a germinação, até que o meu irmão Lupicínio Carvalho, que tem grandes habilidades com as plantas, conseguiu uma

técnica de germinação das sementes de Baobá. Quando o Baobá está maiorzinho plantamos nos lugares mapeados pelo GRUNEC (Grupo de Valorização Negra do Cariri) especialmente nas Comunidades Quilombolas, também o semeamos em Terreiros e em centros kardecistas. O baobá não é de uma pessoa, ele é da comunidade, entendeu? Assim os mais velhos vão contado a história do Baobá, do significado que ele tem para nós e para o povo negro.



A sétima flor de Baobá que floresceu no Terreiro das pretas. Foto: João Leandro Neto, 2020.

O plantio é sempre feito com muita festa, com muitas crianças, por que quem verá o fruto de Baobá serão as crianças. Nós somos muito abençoadas, pois aqui no nosso Terreiro já presenciamos o florescer de Baobá. Ele nos presenteou com sete flores, lindíssimas e para nós tem um significado muito grande.

Os frutos deste ancestral que atravessa mares e vem ao encontro do povo negro no Cariri, é a resistência que é semente de novos Baobás, plantados nos territórios quilombolas do Cariri Cearense. As pretas Valéria e Verônica, ao receberem dois frutos de Baobá com 400 sementes, foram presenteadas pela

sua ancestralidade, e receberam essa importante missão de semear Baobás. Salve o ancestral que voltou! Espero que todos que presenciem seu plantio também possa colher as flores e frutos para serem novos disseminadores de luta, força e história.

No contexto educacional o Baobá nos inspira uma pedagogia afirmativa, que possa promover um currículo escolar ativo e plural, respeitando as diversidades, reexistindo nossa ancestralidade para uma cultura de valor étnico-racial, buscar oportunidades, combater preconceitos e promover uma justiça social para todos.

João Leandro Neto



Filósofo e pedagogo. Especialista em Docência do Ensino Superior e Gestão Escolar. Professor da Escola Municipal Santa Verônica, no Território Quilombola do Sítio Arruda em Araripe-CE. Estudou arte italiana com ligação na Scuola di Lingua e Cultura – Itália. Publicou trabalhos em eventos científicos, com temas relacionados a pesquisa-ação na construção de uma educação valorizada e coletiva. Convidado a ser debatedor em mesas redondas, com temas como: filosofia no ensino médio, diálogos em torno do pensamento de Santo Agostinho de Hipona, filosofia e educação em Platão, ética e contemporaneidade. Atualmente se dedica a pesquisar sobre métodos e comodidades de relação investigativa entre a educação no ensino médio e o processo do aluno investigador na Filosofia, trazendo discussões como: o negro e seu empoderamento educacional, a educação acessível, os processos educacionais, e as relações educação-docente na construção de um futuro capaz de perceber a importância do compartilhamento de função. Amante da poesia nordestina com direcionamento as condições históricas do resgate e do fortalecimento da cultura do Cariri, se dedica a pesquisar processos históricos regionais. E-mail: joaoleandro@gmail.com

Tayronne de Almeida Rodrigues



Cursa Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, pela Universidade Federal do Cariri – PRODER/UFCA. É graduado em Filosofia, Especialista em Docência do Ensino Superior, pela Faculdade Entre Rios do Piauí. Atualmente desenvolve pesquisas em torno do ser responsável com referência no princípio responsabilidade de Hans Jonas. Estuda as análises atuais, que se concentram na educação ambiental como saber filosófico para a construção de uma sociedade pautada no desenvolvimento sustentável. E-mail: tayronnealmeid@gmail.com

PARA SABER MAIS:

CUNHA JUNIOR, H. Diversidade Etnocultural e Africanidades. In.: JESUS, Regina de Fatima de; ARAÚJO, Mairce da Silva; CUNHA, Henrique (orgs.). **Dez Anos da Lei Nº10.639/03**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

CUNHA JUNIOR, H. **Olhando pela Janela e Vendo as Árvores Africanas: As Relações Brasil África: Continuidades e Permanências da África no Mundo Atlântico**. In.: PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa e (orgs.). Memórias de Baobá. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

SILVA, S. M. **Baobando em uma formação de raiz africana com professoras(es) e núcleo gestor da educação básica na cidade de Crato-CE - UFC**. 2018. 239f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2018.

WALDMAN, M. O Baobá na paisagem africana: singularidades de uma conjugação entre natural e artificial. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, São Paulo, número especial, 2012.